

## A PAIXÃO PELO LIVRO E PELA LEITURA EM “FELICIDADE CLANDESTINA”, DE CLARICE LISPECTOR

Verônica Dias Castro (UESB)  
[veronicadiascastro@yahoo.com.br](mailto:veronicadiascastro@yahoo.com.br)

Profa. Dra. Maria das Graças Fonseca Andrade (UESB)  
[mgfandrade@gmail.com](mailto:mgfandrade@gmail.com)

**Resumo:** Clarice Lispector publicou como crônica “Tortura e glória”, no *Jornal do Brasil*, em 02 de setembro de 1967, o que mais tarde, em 1971, foi publicado como conto e intitulado “Felicidade Clandestina”, na coletânea do livro que recebe o mesmo nome, tendo sido republicado, recentemente, em 2009, em *Clarice na cabeceira*, organizado por Teresa Montero. Embora não lhe seja atribuída a classificação de Literatura Infantil, tal narrativa nos insere neste universo a partir das principais personagens: a antagonista, uma menina devoradora de balas, e a protagonista, uma menina devoradora de livros. Objetivamos discutir a partir do conto, a paixão pela leitura e pelo livro à luz das ideias elaboradas por Jorge Luis Borges em “O livro”, de sua obra *Cinco visões pessoais*, uma vez que o desejo da protagonista consiste em adquirir, ainda que por empréstimo, um livro. No conto, a narradora-personagem, a pequena leitora, vê-se à espera e à mercê da menina “gorda, baixa e sardenta” que nega a cessão do livro *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, afirmando sempre não estar este em suas posses. Essa obra lobatiana é bastante significativa para as nossas reflexões, uma vez que demarca a própria paixão pelo livro, bem como a felicidade de ler expressa pela protagonista, resgatando a memória infantil e a importância da leitura, que, como bem disse Clarice Lispector em “Fidelidade”, ilumina de alegria muita infância infeliz, assim como a leitura de Monteiro Lobato iluminou a dela própria.

**Palavras-chave:** Felicidade Clandestina, Clarice Lispector, Monteiro Lobato.

Clarice Lispector publicou, como crônica, “Tortura e glória”, no *Jornal do Brasil*, em 02 de setembro de 1967, o que mais tarde, em 1971, foi publicado como conto e intitulado “Felicidade Clandestina”, na coletânea do livro que recebe o mesmo nome, tendo sido republicado, recentemente, em 2009, em *Clarice na cabeceira*, organizado por Teresa Montero. Embora não lhe seja atribuída a classificação de Literatura Infantil, tal narrativa nos insere neste universo a partir das principais personagens: a antagonista, uma menina devoradora de balas, e a protagonista, uma menina devoradora de livros. Esse conto de Clarice Lispector se inicia exatamente com a descrição, por parte da narradora protagonista, de uma outra menina, cujo pai era dono de livraria, possuindo

assim “o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter” (LISPECTOR, 1991, p. 15).<sup>1</sup>

Objetivamos discutir, a partir do conto, a paixão pela leitura e pelo livro à luz das ideias elaboradas por Jorge Luis Borges em “O livro”, de sua obra *Cinco visões pessoais*, no qual ele nos fala que “uma biblioteca é uma espécie de gabinete mágico. Nele se encontram, encantados, os melhores espíritos da humanidade, mas que esperam nossa palavra para sair de sua mudez. Temos que abrir o livro; aí eles despertam” (BORGES, 1996, p. 10).

No conto em análise, a protagonista não está precisamente em uma biblioteca, nem mesmo numa livraria, mas tenta adquirir, ainda que por empréstimo, um livro. E o desejo da narradora era este: pegar o livro, senti-lo, abri-lo e despertá-lo, sem a condição *sine qua non* de que ele fosse seu, bastando tê-lo, ainda que provisoriamente. É interessante observar que no curta-metragem “Clandestina Felicidade”, de Beto Normal e Marcelo Gomes, no qual várias personagens e histórias da escritora Clarice Lispector se misturam, em especial “Felicidade Clandestina” e “Restos de Carnaval”, a menina protagonista, no início do filme aparece carregando o livro *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, ao lado da colega a quem o livro pertencia. A protagonista mostra-se ofegante, maravilhada e orgulhosa por ter em mãos um objeto por ela tão cobiçado. A ela, portanto, é concedido andar pelas ruas de Recife com o enorme livro somente até certo ponto, pois a verdadeira proprietária, ao chegar diante do portão da escola, toma-o para si.

Voltando à “Felicidade clandestina”, percebemos que a narradora-personagem nos apresenta aquela que viria a ser sua algoz: “Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. (...) Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho” (FC, p. 15). Dito assim, de pronto, nós leitores nos colocamos a favor da protagonista que, na sua ânsia de ler *Reinações de Narizinho*, livro que a companheira avarenta possuía, seria vítima de uma verdadeira “tortura chinesa”, segundo as palavras da narradora.

No conto, a narradora-personagem, a pequena leitora, vê-se à espera e à mercê da outra menina que nega a cessão do livro *Reinações de Narizinho*, afirmando sempre não estar o mesmo em suas posses. Essa obra lobatiana é bastante significativa para as nossas

---

<sup>1</sup> A partir dessa citação, todas as posteriores, referentes a essa obra, virão assinaladas com as iniciais FC, sendo discriminado o número da página.

reflexões, uma vez que demarca a própria paixão pelo livro, bem como a felicidade de ler expressa pela protagonista, resgatando a memória infantil e a importância da leitura.

Em 12 de outubro de 1968, Clarice Lispector publicou, no *Jornal do Brasil*, uma pequena nota intitulada “Fidelidade”, onde se lê: “Quanto a mim, continuo a ler Monteiro Lobato. Ele deu iluminação de alegria a muita infância infeliz. Nos momentos difíceis de agora, sinto um desamparo infantil, e Monteiro Lobato me traz luz” (LISPECTOR, 1994, p. 145). Compreendemos então que Monteiro Lobato foi um escritor que levou luz à infância da própria Clarice Lispector, deu também a ela, iluminação de alegria, pois, sendo ela fiel à própria recordação infantil, no futuro, escreveria também, uma vez modificado o papel de leitora para escritora, mostrando que sua paixão pelo texto que já lhe trouxera luz, permanecera.

A protagonista de “Felicidade clandestina” revela, pelo desejo que sustenta do início ao fim do conto, sua paixão pela leitura, pelo livro, embora esse objeto não lhe fosse acessível, ela continuava a implorar emprestados os livros que a outra não lia.

No dia seguinte fui à sua casa, literalmente correndo. Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa. Não me mandou entrar. Olhando bem para meus olhos, disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo. Boquiaberta, saí devagar, mas em breve a esperança de novo me tomava toda (...) guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria (...)

Mas não ficou simplesmente nisso. O plano secreto da filha do dono da livraria era tranquilo e diabólico. No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder, que eu voltasse no dia seguinte. Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do “dia seguinte” com ela ia se repetir com meu coração batendo. E assim continuou. Quanto tempo? Não sei. (FC, p. 16-17)

Era tempo indefinido, tempo de uma espera que só se alongava. Para Lygia Bojunga, essa condição de espera também é assumida pelo livro, que pacientemente aguarda por seu leitor: “Ele espera pela gente. Feito coisa que ele sabe que o *caso* com a nossa imaginação vai ser tão mágico, tão sem limite, que vale a pena esperar” (BOJUNGA, 2007, p. 50).

Aprender a esperar passa a ser, então, a condição de sua felicidade, que só poderia se dar de forma clandestina, enviesada. A narradora exercita a espera, prepara-se pacientemente para o encontro com o objeto de seu desejo: o livro. Enamorada, ela

espera pelo livro, como se espera por um amante: “Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante” (FC, p. 18)

Roland Barthes, em “Sobre a leitura” afirma que todo o prazer do “sujeito-leitor” consiste em “cuidar da sua relação dual com o livro, fechando-se a sós com ele, colado a ele, de nariz em cima dele, se ousar dizer, como a criança colada à Mãe e o Amoroso suspenso do rosto amado” (BARTHES, 1984, p. 35). É essa relação íntima, dual, encostada ao objeto por tanto amor haver, que a protagonista do conto busca. Por isso sua insistência em obter o livro e sua perseverança diante da negação da outra:

Quanto tempo? Eu ia diariamente a sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina. E eu, que não era dada a olheiras, sentia as olheiras se cavando sob os meus olhos espantados. (FC, p. 17)

Espantada pelo fato do livro nunca estar com aquela que deveria possuí-lo, extenuada por diariamente fazer a trajetória dolorosa de atravessar as ruas de Recife, cheia de esperança em busca do livro almejado e por não achá-lo, ela sentia as olheiras de cansaço cavando-se sob seus olhos.

A paixão da menina pelo livro aparece elevando o objeto de seu desejo a um *status* de objeto fálico e inacessível para ela: “Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses” (FC, p. 16). Ela deseja o livro como quem deseja um amante, alguém com quem viver, para comê-lo, absorvê-lo totalmente; para com ele dormir em lençóis de puro leite.

Para Barthes, “na leitura, todas as emoções do corpo estão presentes, mescladas, enroladas: o fascínio, a vacância, a dor, a volúpia (...)” (BARTHES, 1984, p. 35). O prazer de ler é erótico, ainda que o conteúdo do livro não o seja. É a própria escrita que se revela erótica ao manter o desejo de quem escreve e de quem lê aceso: “o prazer do texto é semelhante a esse instante insustentável, impossível, puramente *romanesco*, que o libertino degusta ao termo de uma maquinação ousada, mandando cortar a corda que o suspende, no momento em que goza” (BARTHES, 2008, p. 12). A felicidade da leitura, ou melhor, o gozo da leitura é intensamente vivido pela personagem, que recebe eroticamente o livro e diz: “Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra

meu peito” (FC, p. 18). A protagonista demonstra aqui a inquietação que, segundo Lygia Bojunga, é comum quando o leitor está enamorado por um livro: “(...) eu tive a noção (...) da inquietação que pega a gente quando se está assim em estado de amor por um livro: aquela coisa aflita de estar sempre procurando um jeito de ficar sozinha com ele; só a gente e o livro” (BOJUNGA, 2007, p. 23).

Notemos que a espera, acima referida, que marca o desejo da menina em obter o livro tão cobiçado, não finda quando ela o tem em mãos. Vejamos:

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade (FC, p. 18).

O encontro com o livro/amante, quanto mais adiado, ganha outras dimensões, tornando o ato da leitura cada vez mais sedutor, mais investido de eroticidade. “Criando as mais falsas dificuldades”, a menina estrategicamente protela a leitura e faz da espera também o seu momento de felicidade. Esse ritmo vagaroso da menina, ao decifrar o livro, revela sua maturidade enquanto leitora, pois não há que ter pressa para ler, conforme Barthes adverte em relação ao texto moderno:

(...) leiam lentamente, leiam *tudo*, (...) o livro lhes cairá das mãos; leiam depressa, por fragmentos, um texto moderno, esse texto torna-se opaco, perempto para o nosso prazer: vocês querem que ocorra alguma coisa, e não ocorre nada (...) não devorar, não engolir, mas pastar, aparar com minúcia, redescobrir, para ler esses autores de hoje (...) (BARTHES, 2008, p. 19).

Assim, como que parecendo escutar a admoestação de Barthes, a protagonista *não devora, não engole* o livro; antes, *pasta*, delicia-se, compraz-se e, sem pressa, des-vela, des-cobre o texto. A protagonista mesmo nos fala de seu compasso diante dessa leitura: “Como demorei!” (FC, p. 18). Lygia Bojunga, em *Livro – um encontro*, nos diz que enquanto leitora, também imprime seu ritmo às suas leituras: “Eu percorro cada página no meu ritmo de leitora. (...) sou eu que determino o ritmo que quero” (BOJUNGA, 2007, p. 33).

A narradora almeja, em todo o processo da leitura, encontrar a felicidade nos livros. Provavelmente para essa leitora-menina, assim como para Borges, “dentre os

instrumentos utilizados pelo homem, o mais espetacular é, sem dúvida, o livro. Os demais são extensões de seu corpo.” Borges afirma que “O microscópio, o telescópio são extensões de sua visão; o telefone é a extensão de sua voz; em seguida, temos o arado e a espada, extensões de seu braço. O livro, porém, é outra coisa. O livro é uma extensão da memória e da imaginação” (BORGES, 1996, p. 5). O que constatamos é que para a narradora-protagonista o livro também funciona como portal de acesso a uma vida imaginária mais rica. Cito Borges:

Devemos tanto às letras. Sempre reli mais do que li. Creio que reler é mais importante do que ler, embora para se reler seja necessário já se haver lido. Tenho esse culto pelo livro. (...) O livro ainda possui certa santidade, que devemos fazer para que não se perca. (...) O livro pode conter muitos erros, podemos não concordar com as opiniões expendidas pelo autor, mas, ainda assim, ele conserva algo sagrado, algo divino, não com um tipo de respeito supersticioso, mas com o desejo de encontrar felicidade, de encontrar sabedoria. (BORGES, 1996, p. 11)

O livro é, no conto, visto também como meio de encontrar a felicidade. A presença do livro perpassa “Felicidade clandestina” e o seu intertexto, que é *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, demarca a paixão pelo livro da personagem central do conto de Clarice. A figura do livro é significativa em Lobato, sendo bastante que nos recordemos que Dona Benta sempre tinha um livro à mão para contar histórias aos habitantes do Sítio do Picapau Amarelo. Os livros de Monteiro Lobato suscitam a imaginação infantil e inspiram futuros escritores, como é o caso da própria Clarice Lispector, como dito no início do texto, e também da escritora Lygia Bojunga, que se refere à *Reinações de Narizinho*, como sendo o seu primeiro caso de amor com um livro, obra que, segundo ela, acordou sua imaginação e a tornou uma leitora. Cito as palavras de Bojunga: “*Reinações de Narizinho* tinha me dado um prazer tão intenso, que era pra ele que eu voltava sempre ao longo de minha infância. Esse livro sacudiu minha imaginação. E ela tinha acordado. Agora... ela queria imaginar” (BOJUNGA, 2007, p. 19).

Clarice Lispector, nesse conto, ao narrar a história da menina que deseja um livro alheio, fala-nos, na verdade, sobre o ato de ler e sobre a literatura em si mesma como algo desejado, fascinante e atraente. “Felicidade Clandestina” é um convite ao exercício da leitura, é um convite para cultivarmos o amor ao livro desde a infância; é também a oportunidade de acompanhar e sentir as emoções vividas pela protagonista clariceana que, desde cedo, mostra-se chamada à leitura e à escrita.

Clarice, assim como José Mindlin em “Loucura Mansa”, deseja “inocular o vírus do amor ao livro em todos os possíveis leitores” (MINDLIN, 2004, p. 15), pois, como nos diz o compositor Caetano Veloso “os livros são objetos transcendentais, mas podemos amá-los do amor tátil”<sup>2</sup>. Amemo-os!

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2008.

\_\_\_\_\_. Sobre a leitura. In: \_\_\_\_\_. *O rumor da língua*. Trad. António Gonçalves. Lisboa: Edições 70, 1984. p. 31-38.

BOJUNGA, Lygia. *Livro – o encontro*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2007.

BORGES, Jorge Luis. O livro. In: \_\_\_\_\_. *Cinco visões pessoais*. Trad. Maria Rosinda Ramos da Silva. 3. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996. p. 5-11.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994. p. 145: Fidelidade; p. 20-21: Tortura e glória.

\_\_\_\_\_. Felicidade clandestina. In: \_\_\_\_\_. *Felicidade clandestina*. 7. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991. p. 15-18.

MINDLIN, José. Loucura mansa. In: SILVEIRA, Julio; RIBAS, Martha (Orgs). *A paixão pelos livros*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2004. p. 15-16.

MONTERO, Teresa (Org.). Felicidade clandestina. In: *Clarice na cabeceira*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009. p. 183-188.

VELOSO, Caetano. Livro. Dir. Jacques Morelenbaum e Caetano Veloso. São Paulo: PolyGram, 1997. 1 disco compacto (54 min):

---

<sup>2</sup> Trecho da música “Livros”, composta por Caetano Veloso em 1997.